

O corpo e a mulher na história da filosofia: uma leitura a partir de Merleau-Ponty centrada na atual discussão sobre a corporeidade

Liria Ângela Andrioli - liriaandrioli@yahoo.com.br

Índice

- 1.A presença da mulher na história da filosofia
- 2.O desprezo do corpo e a marginalidade da mulher na história da filosofia
- 3.A filosofia na perspectiva da corporeidade segundo Maurice Merleau-Ponty
- 4.Considerações finais
- 5.Referências

A construção dos corpos: violência material e simbólica– ST 49.
Universidade Regional do Noroeste do Estado do RS – UNIJUÍ

Palavras-chave: corpo, mulher, filosofia

O reconhecimento social das mulheres como “seres pensantes” foi e continua sendo um desafio para o equilíbrio nas relações de gênero. Nos currículos escolares e universitários podemos perceber que pouco consta sobre as mulheres que se destacaram enquanto filósofas. Na maioria das vezes, falta uma referência acerca do conhecimento da vida e obras de pensadoras. Pode-se constatar uma reduzida valorização das mulheres na vida acadêmica e sua participação na história da construção do conhecimento. Simone de Beauvoir pronuncia-se sobre isso dizendo que “toda a história das mulheres foi feita por homens”¹. Neste contexto, pretende-se, aqui, discutir brevemente sobre a presença das mulheres na história da filosofia, com ênfase ao desprezo do corpo e à marginalidade da mulher, bem como, introduzir o tema da corporeidade a partir do filósofo Maurice Merleau-Ponty.

1. A presença da mulher na história da filosofia

Ao realizar um resgate sobre a presença das mulheres na história da filosofia, percebe-se que a figura do feminino “é discutida por meio de um sujeito que não é o que a representa, mas sim outro sujeito: o sujeito masculino. Mesmo assim, este discurso é sempre evitado no campo filosófico”².

A mitologia grega destaca fortemente a presença de mulheres através da figura das deusas Artemis, Atena, Afrodite, Deméter, Hera, Perséfone, Pandora e Gaia. Embora a inteligência e o pensamento sejam representados pela deusa Minerva (versão latina da deusa Atena), é interessante destacar, que esta nasce não do corpo de sua mãe, mas da cabeça de seu pai, Zeus. Isto demonstra, desde o princípio, a desvalorização da mulher.

Sendo assim, na história da filosofia, que mulheres alcançaram ao longo da história o reconhecimento oficial de filósofas? Kant, em uma de suas passagens afirma que: “uma mulher que tem a cabeça cheia de grego, como Mme. Dacier, ou que, tal como a marquesa de Châtelier, disputa sabiamente sobre temas de mecânica, só lhes falta a barba para expressar melhor a profundidade do espírito que ambicionam”³. Isto significa que o fato das mulheres se destacarem na história por sua capacidade intelectual não era fator suficiente para serem reconhecidas. Para isto teriam que ser “homens”.

A forma como os filósofos, em geral, tematizam a mulher ao longo dos séculos, demonstra um claro desprezo ao ser feminino. Já Pitágoras, afirmava que “existe um princípio bom que gerou a ordem, a luz e o homem; há um princípio mau que gerou o caos, as trevas e a mulher”⁴.

No entanto, apesar da discriminação das mulheres no campo filosófico, é possível perceber que, ao longo da história da filosofia, várias mulheres se destacaram como seres humanos que buscaram saber e conhecimento. No século XX há um destaque especial a algumas filósofas importantes. Dentre elas, encontram-se Hannah Arendt, Simone Weil, Edith Stein, Mari Zambrano, Simone de Beauvoir e Rosa Luxemburgo. Estas mulheres, contrariando a ordem patriarcal de seu tempo, foram filósofas importantes e, sem dúvida, contribuíram decisivamente para a construção do conhecimento.

2. O desprezo do corpo e a marginalidade da mulher na história da filosofia

Embora a mulher tenha sido desprezada na história da filosofia, o tema “mulher” foi abordado por muitos pensadores. Textos de importantes filósofos como Platão, Aristóteles e Kant, retratam a diferenciação entre os sexos. No entanto, estudos sobre as mulheres aparecem em obras menos conhecidas, as quais tratam de temas relacionados à moral, o que, certamente, contribuiu para que a questão da discriminação da mulher passasse despercebida. Além disso, quando o tema da mulher aparece em textos filosóficos, então, ele é cercado de muitos preconceitos, tentando demonstrar uma suposta inferioridade natural da mulher. No mais, é preciso lembrar que as abordagens sobre a mulher encontram-se numa história da filosofia que foi escrita por homens.

A relação entre mulher e homem está, geralmente, fundamentada na relação entre corpo e alma. Neste contexto, surge a discussão sobre a corporeidade. A alma não apenas se distingue do corpo, como também está ligada tradicionalmente à racionalidade, ao universal, ao masculino. O corpo físico encontra-se associado à sensibilidade, ao particular, ou seja, ao feminino. De um lado, encontram-se os homens, com a linguagem filosófica e o conhecimento. De outro lado, estão as mulheres com a linguagem da poesia e da música. No que diz respeito à mulher instruída, Kant ironiza: “ela se serve de seus livros da mesma forma como se serve de seu relógio: ela o usa para que se veja que tem um, pouco se importando que, em geral, ele esteja parado ou que não marque a hora certa”⁵.

Ao longo da história, o pensar foi considerado um privilégio dos homens, sem, contudo, impedir que houvesse uma lenta participação das mulheres na vida acadêmica. Um dos poucos registros históricos acerca do tema foi a existência de um centro de formação intelectual para mulheres, escola esta, fundada por Safo, poetisa de Lesbos nascida em 625 a C⁶. No Renascimento “percebe-se um aumento significativo das instituições escolares. Mas às mulheres mais uma vez só é concedido um saber incompleto e sob uma forte vigilância”⁷, realizado, especialmente através de instituições religiosas. Em Rousseau, o quinto capítulo do *Emílio* é marcado pela construção de um conhecimento que esvazia a possibilidade da mulher pensar. Segundo ele, “elas devem aprender muitas coisas, mas apenas aquelas que lhes convém saber”⁸.

O pensamento vigente é de que à mulher é permitido uma mente e um corpo, mas não os dois simultaneamente. Assim, ela jamais poderia produzir a razão, pois já possui a beleza. Essa dicotomia entre alma e corpo também aparece no pensamento de Platão. No diálogo *O Banquete*, o mesmo mostra que o amor sensível deve estar subordinado ao amor intelectual, ou seja, “na juventude, predomina a admiração pela beleza física; mas o verdadeiro discípulo de Eros amadurece com o tempo e descobre que a beleza da alma deve ser considerada mais preciosa do que a do corpo”⁹.

Além disto, Descartes, no *Cogito*, defende a idéia de uma essência primeira que antecede o corpo, ou seja, o pensamento. O ato de pensar, segundo Descartes, é a própria existência corporal, de modo que o corpo vem a ser uma extensão do pensamento. De um lado, a essência pensante (*res cogitans* – espírito) e, do outro, a substância extensa (*res extensa* – corpo).

Na discussão sobre corporeidade, há uma associação do fraco com o feminino e do forte com o masculino. Aristóteles já afirmava que o corpo feminino está dotado de um cérebro menor. Pode-se dizer, portanto, que existe uma redução da mulher ao seu corpo, sendo-lhe impedido desenvolver sua capacidade racional e intelectual. O corpo é visto como algo historicamente negado. “A concepção do corpo como cadáver ou sepultura da alma ou psyché, que advém do orfismo-pitagorismo, migra para a filosofia de Platão, constitui a filosofia aristotélica e assume seu tom mais enfático no pensamento medieval”¹⁰.

Diante disso, pode-se afirmar que a visão negativa do “ser feminino” baseia-se no entendimento, segundo o qual, as “deficiências”, “limitações” e a própria inferioridade da mulher decorrem de sua própria natureza, ou seja, a condição inferior da mulher é vista como algo natural e, portanto, imutável. Esta visão do “feminino” esteve presente na história da filosofia e continua sendo um desafio para as mulheres filósofas. Enquanto ser humano, a mulher é dotada de razão, mas o uso pleno e adequado ainda está reservado, majoritariamente, ao ser masculino.

3. A filosofia na perspectiva da corporeidade segundo Maurice Merleau-Ponty

O pensamento de Maurice Merleau-Ponty contrapõe-se ao discurso que considera o corpo como um conjunto de partes distintas entre si. Segundo ele, temos que considerar o corpo a partir da experiência vivida ou como modo de ser no mundo. O corpo é a alma; o fisiológico e o psíquico compõem uma unidade e não uma integração de partes distintas.

O corpo vive o espaço e o tempo e, é a própria expressão do ser-no-mundo. É como ser no mundo que o corpo participa e se comunica. O fato de pessoas terem corpos ou serem corporais permite que o mundo em que vivem seja comum a todos e também que uma pessoa tenha acesso a outra, através de suas expressões corporais. Na fenomenologia da percepção, o corpo constitui uma unidade com a consciência. “A consciência invade o corpo, a alma se espalha em todas as suas partes”¹¹. A consciência é o ser para a coisa por intermédio do corpo. Pode-se dizer que a consciência está “encarnada” e o corpo é aquilo por meio do qual um mundo existe para mim.

O conhecimento do mundo se dá a partir da própria experiência do sujeito, vivenciada no meio natural. “O homem está no mundo, é no mundo que se conhece”¹². Nessa perspectiva fenomenológica diz-se que a consciência assume um novo significado, onde não há separação e oposição entre o psicológico e o corporal.

Os motivos psicológicos e as ocasiões corporais podem-se entrelaçar porque não há um só movimento em um corpo vivo que seja um acaso absoluto em relação às intenções psíquicas, nem um só ato psíquico que não tenha encontrado pelo menos seu germe ou seu esboço geral nas disposições fisiológicas...Entre o psíquico e o fisiológico pode haver relações de troca que quase sempre impedem de definir um distúrbio mental como psíquico ou como somático. O distúrbio dito somático delinea comentários psíquicos sobre o tema do acidente orgânico e o distúrbio “psíquico”¹³.

A intenção de dirigir-se ao mundo a fim de conhecê-lo e apreendê-lo manifesta-se na motricidade. A motricidade possibilita que não haja separação entre o sensível e o entendimento na concepção que eu tenho do mundo. Dessa forma, quando faço sinal para um amigo se aproximar, minha intenção não é um pensamento que eu prepararia em mim mesmo e não percebo o sinal em meu corpo. Faço sinal através do mundo, faço sinal ali onde se encontra meu amigo; a distância que me separa dele, seu consentimento ou sua recusa se lêem imediatamente em meu gesto, não há uma percepção seguida de movimento, a percepção e o movimento formam um sistema que se modifica como um todo¹⁴.

Através do corpo eu apreendo as coisas ao meu redor, conforme as situações que vivencio. O modo como meu corpo se encontra no mundo é definido pelo esquema corporal, ou seja, por sua maneira de se exprimir ou manifestar como uma unidade. “As partes de meu corpo (...) não estão redobradas umas ao lado das outras, mas envolvidas umas nas outras”¹⁵.

Merleau-Ponty considera necessário construir novos conceitos que ampliem a compreensão da existência a partir da vivência corpórea. Nesse sentido, ele apresenta a noção de corpo próprio em contraponto à noção cartesiana de corpo objeto, buscando superar o discurso que coloca o corpo como inferior à consciência. Afirma que a sensação e a percepção não são elementos inferiores à evidência racional sendo ambos imprescindíveis ao processo do conhecimento. A concepção de corpo apresenta-se na perspectiva do corpo-sujeito, criticando desta forma, o modelo de corpoobjeto na perspectiva da corporeidade.

O corpo e a consciência são uma unidade fundamentada na experiência do corpo em movimento: “o corpo assim compreendido revelará o sujeito que percebe assim como o mundo percebido”¹⁶. A experiência do corpo em movimento ajuda-nos a compreender o sentido da alteridade, a relação do ser consigo mesmo, com o outro e com o próprio mundo. A expressão “sou meu corpo”¹⁷ deixa claro o encontro entre o sujeito e o corpo.

Para o autor, o modo de apreensão do sentido da fala do outro é o mesmo que o do gesto corporal: eu os

compreendo na medida em que os assumo como podendo fazer parte do meu próprio comportamento. Em outras palavras, “se é por meu corpo que compreendo o outro, se é pelo dele que ele compreende a mim, cada um de nós tem no próprio corpo um saber daquilo que se exprime por meio do corpo de outrem”¹⁸.

A mente é o próprio corpo. O corpo é um todo, indivisível da consciência. Como totalidade, o corpo vive o espaço e o tempo e, é a própria expressão do ser-no-mundo. O corpo exprime gestos e dentre eles encontra-se a fala, estando enlaçada ao pensamento. Merleau-Ponty recorrerá ao gesto para esclarecer a comunicação pela palavra, buscando no corpo não só a compreensão do problema da linguagem, mas também o da expressão. Segundo ele, se apreende o significado da palavra assim como se apreende o sentido de um gesto.

4. Considerações finais

O feminismo ajuda a questionar o discurso filosófico em seus pressupostos fundamentais, tendo a filosofia como uma teoria de ação. A ausência histórica das mulheres na filosofia pode ser explicada de diversas formas: a primeira delas é observável no fato de haver pouca produção de livros e textos, que tenha autoria feminina. Outro motivo é a construção de um ideal feminino ligado a um conceito de corpo.

A transformação das mulheres em “belo sexo” foi produzida pela cultura com o apoio da filosofia e das artes. Este ideal teve como função principal afastar as mulheres do conhecimento. No entanto, temos que levar em consideração que as mulheres produziram conhecimento ao longo da história, mas pela via do silêncio.

A discussão em torno da dicotomia mente/corpo sempre foi tema relevante entre pensadores de várias épocas da humanidade. A consciência era considerada uma função puramente intelectual em oposição ao corpo. Contudo, Merleau-Ponty apresenta uma nova concepção de consciência, onde a realidade do *cogito* e a realidade corporal compõem uma unidade. Finalmente, alma e corpo passam a ser compreendidos em sua totalidade.

A partir disso, instituímos o conceito de corporeidade que entendemos como a maneira pela qual o cérebro reconhece e utiliza o corpo como instrumento relacional com o mundo. O corpo é movido por intenções provenientes da mente. As intenções manifestam-se através do corpo, que interage com o mundo, que informa a mente através de seus órgãos sensoriais.

Apesar de toda essa visão positiva do corpo em Merleau-Ponty, não podemos afirmar que o autor tenha superado a desigualdade entre homens e mulheres presente na tradição filosófica. Essa suspeita sustenta-se numa de suas afirmações em que ele diz que: “um doente sente uma segunda pessoa implantada em seu corpo. Ele é homem em uma metade de seu corpo, mulher na outra metade”¹⁹.

No entanto, se a mulher ainda não teve o devido espaço e nem o devido reconhecimento no pensamento de Merleau-Ponty, sua discussão sobre o corpo pode ser vista como propedêutica de uma discussão sobre o gênero. Ele resgatou o corpo do desprezo a que historicamente estava relegado, e com isso abriu, de alguma forma as portas para o resgate da mulher, mesmo que isso não estivesse em seu horizonte. O sentido positivo da corporeidade, núcleo da filosofia de Merleau-Ponty, permitiu, como base teórica, que se seguissem debates e movimentos sobre a emancipação da mulher cuja concepção estava historicamente vinculada à concepção de corpo.

Mas, será isso a verdadeira emancipação da mulher, se o seu atual reconhecimento apenas se dá porque também há um reconhecimento positivo do corpo? Em relação à razão ou à filosofia não permaneceria à margem? Ou seria a própria corporeidade humana que vai sinalizando aos poucos o caminho da filosofia? Neste caso, a emancipação do corpo, segundo Merleau-Ponty e os movimentos de emancipação da mulher apontariam realmente para a sua emancipação na filosofia.

5. Referências:

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda/MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à filosofia*. São Paulo: Moderna, 1986.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

CARVALHO, Maria da Penha Felício dos Santos de. *As observações kantianas sobre o belo sexo*. In TIBURI, Márcia./MENEZES, Magali M. de./EGGERT, Edla. (Orgs.) *As mulheres e a filosofia*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2002.

MENEZES, Magali Mendes de. *Da academia da razão à academia do corpo*. In TIBURI, Márcia./MENEZES, Magali M. de./EGGERT, Edla. (Orgs.) *As mulheres e a filosofia*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2002.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura.

MÜLLER, Marcos José. *Merleau-Ponty: acerca da expressão*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. (Coleção Filosofia, 122)

ROUSSEAU, Jean J. *Emílio, ou da educação*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Difel, 1979.

RUIZ, Castor M. M. Bartolomé. *Os desencontros e paradoxos de logos e Sofia: um conflito anthro-po-lógico ou gineo-simbólico?* In TIBURI, Márcia./MENEZES, Magali M. de./EGGERT, Edla. (Orgs.) *As mulheres e a filosofia*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2002.

TIBURI, Márcia./MENEZES, Magali M. de./EGGERT, Edla. (Orgs.) *As mulheres e a filosofia*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2002.

VALLE, Bárbara. *O feminino e a representação da figura da mulher na filosofia de Kant*. In TIBURI, Márcia./MENEZES, Magali M. de./EGGERT, Edla. (Orgs.) *As mulheres e a filosofia*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2002.

Autor:

Liria Ângela Andrioli

liriaandrioli@yahoo.com.br

- ¹ BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 167.
- ² VALLE, Bárbara. O feminino e a representação da figura da mulher na filosofia de Kant. 2002, p. 69.
- ³ RUIZ, Castor M. M. Bartolomé. Os desencontros e paradoxos de logos e Sofia: um conflito anthro-po-lógico ou gineo-simbólico? 2002, p. 148.
- ⁴ Ibidem.
- ⁵ CARVALHO, Maria da Penha Felício dos Santos de. As observações kantianas sobre o belo sexo. 2002, p. 53.
- ⁶ MENEZES, Magali Mendes de. Da academia da razão à academia do corpo. 2002.
- ⁷ Ibidem, p.17.
- ⁸ ROUSSEAU, Jean J. Emílio, ou da educação. 1979, p. 501.
- ⁹ ARANHA, Maria Lúcia de Arruda/MARTINS, Maria Helena Pires. Filosofando: introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 1986, p. 342.
- ¹⁰ TIBURI, Márcia. "Toda beleza é difícil". Esboço de crítica sobre as relações entre metafísica, estética e mulheres na filosofia. 2002, p. 35.
- ¹¹ MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 114.
- ¹² Ibidem, p. 06.
- ¹³ Ibidem, p. 130-131.
- ¹⁴ Ibidem, p. 159-160.
- ¹⁵ MERLEAU-PONTY, citado por MÜLLER, Marcos José. Merleau-Ponty: acerca da expressão. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 182.
- ¹⁶ MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 110.
- ¹⁷ Ibidem, p. 208.
- ¹⁸ MÜLLER, Marcos José. Merleau-Ponty: acerca da expressão. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 300.
- ¹⁹ MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 131.